

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o s e s p

Temporada 2026

Revista

Uirapuru

12 de abril

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 9





Do século XIX até hoje, a tradição pianística chegou a nosso país, se popularizando, se consolidando, e se reinventando. Orquestra condensada, o instrumento foi se difundindo, em razão de sua extrema versatilidade, na música popular e na erudita.

No recital de hoje, Hercules Gomes evoca clássicos que atravessaram gerações da música brasileira em arranjos autorais, e contribui com suas próprias composições para o presente e o futuro da música brasileira. De Chiquinha Gonzaga a Pixinguinha, de Ernesto Nazareth, Amélia Brandão Nery a Hercules Gomes – dos choros ao maxixe, da valsa ao frevo, da toada ao samba – a música brasileira segue escrevendo suas próximas páginas.

12 de abril

domingo

18h

**Estação
Motiva
Cultural**

Hercules Gomes piano

PIXINGUINHA *Rosa/Carinhoso* [Arranjo de Hercules Gomes]
1897-1973 1916-1917
6 minutos

PIXINGUINHA *Teu aniversário* [Arranjo de Hercules Gomes]
1897-1973 1932
2 minutos

CHIQUINHA *Gaúcho (Corta-jaca)*
GONZAGA [Arranjo de Edmundo Carneiro]
1847-1935 1895
2 minutos

CHIQUINHA *Cintilante*
GONZAGA c. 1877
1847-1935 2 minutos

ERNESTO *Brejeiro*
NAZARETH 1893
1863-1934 3 minutos

AMÉLIA *Cheio de truques*
BRANDÃO c. 1953
NERY (TIA 2 minutos
AMÉLIA)
1897-1983

CAROLINA *Primavera em flor*
CARDOSO DE s.d.
MENEZES 4 minutos
1913-2000

ANTÔNIO
JOÃO DA SILVA
(ANTÔNIO
SAPATEIRO)
c. 1880-1940

Luzia no frevo

c. 1933

1 minuto

JOSÉ NUNES
DE SOUZA
(MAESTRO
NUNES)
1931-2016

Cabelo de fogo

1986

3 minutos

HERCULES
GOMES
1980

Ciclo de pé de serra

2025

1. Baião
2. Arrasta pé
3. Xote
4. Forró

13 minutos

HERCULES
GOMES
1980

Caianna

2024

3 minutos

HERCULES
GOMES
1980

Três toadas

2025

1. Toada nº 1 em mi bemol menor
2. Toada nº 2 em si bemol menor
3. Toada nº 3 em dó menor

10 minutos

HERCULES
GOMES
1980

Ventos do morro

2022

4 minutos

HERCULES
GOMES
1980

Platônica

2012

5 minutos

“É o piano de ioiô, é o piano de iaiá! Abram alas minha gente, que o piano quer passar”. No Brasil do tempo de Dom Pedro II, versos desse tipo podiam ser escutados por toda parte. Eles eram cantados pelos carregadores de piano, homens pobres ou escravizados que transportavam o instrumento apoiando-o sobre suas cabeças e caminhando compassadamente. Foi assim que os pianos chegaram às casas de família do país, dos grandes centros urbanos até os mais afastados engenhos e fazendas. Por volta de 1850, o Rio de Janeiro chegou a receber o apelido de “pianópolis”, tamanha a presença do instrumento em seus sobrados e palacetes.

O piano funcionava como uma ferramenta de distinção social e, sobretudo, como símbolo da adesão às normas culturais da Europa. Na comédia ideológica vivida pelas elites do Segundo Reinado, portanto, o mesmo instrumento que lhes era entregue por trabalhadores escravizados deveria sinalizar sua participação no mundo moderno — um mundo já pautado, a essa altura, por ideias liberais. Seja como for, esperava-se que a importação em massa de pianos ajudasse a ocidentalizar de vez os costumes do país, eliminando da nossa música os traços de origem africana. Felizmente, não foi o que aconteceu.



No início do século XX, o Brasil foi extremamente influenciado pela *Belle Époque* francesa. O Rio de Janeiro, até então capital do país, estava em crescente ascensão, e transformações urbanas e culturais marcaram aqueles anos. As roupas, os costumes e as artes francesas ditaram o que era moda, e os ares de progresso, desenvolvimento e otimismo caracterizaram a virada do século. Na imagem, o Largo de São Francisco de Paula, a Escola Politécnica e, ao fundo, o prédio do Real Gabinete Português de Leitura.

É verdade que os pianos trouxeram consigo a polca, dança de origem tcheca que era a última moda nos salões europeus. Essa dança, contudo, ganhou um novo balanço quando chegou ao Brasil, além de novos nomes como polca-lundu, polca-cateretê e polca-chula. O próprio caráter híbrido dos termos reflete a assimilação dos elementos rítmicos africanos que, somados à rítmica europeia, deram origem a uma variante brasileira e sincopada da polca. O processo se repetiu com outros gêneros da música de salão europeia, como a valsa e o schottisch, e até com o tango — fruto do encontro de componentes europeus, africanos e latino-americanos. Todos esses gêneros adquiriram aqui um acento rítmico diferente, razão pela qual foram reunidos, ainda no final do século XIX, sob o nome de choro.

Essa mistura da música europeia com a africana criou pontos de contato entre diferentes camadas da sociedade brasileira. Afinal, os mesmos tangos brasileiros que eram executados por conjuntos de flauta, cavaquinho e violão nos bairros pobres podiam ser tocados ao piano em salões grã-finos. Além disso, saber tocar valsas e polcas ao piano tornou-se parte da educação das sinhazinhas, ao passo que fora do ambiente doméstico essas danças podiam ser ouvidas em teatros de revista e operetas.



As festas e saraus do século XIX foram amplamente marcados pela presença de violas e rabecas, mas a importação do piano, vindo da Europa, ampliou as possibilidades musicais no Brasil. Inicialmente um artigo de luxo em razão de seu preço exorbitante, o piano rapidamente se tornou protagonista sonoro no cenário carioca e brasileiro – tê-lo, tocá-lo, ou até mesmo ter a oportunidade de ouvi-lo era símbolo de prestígio.

Essa capacidade da música de estabelecer mediações em uma sociedade profundamente desigual marcou a trajetória de duas figuras fundamentais na história do choro: Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga. Nazareth nasceu no Morro do Pinto, em uma família de recursos modestos, em casa ornamentada por um velho piano de armário. Ele se dedicou ao instrumento desde cedo e aos quinze anos começou a publicar suas primeiras partituras. Vendendo suas polcas e tangos, dando aulas de piano e tocando em cinemas, Ernesto Nazareth ascendeu socialmente. Sucessos como *Brejeiro* chegaram a abrir para ele as portas dos ambientes mais requintados da sociedade fluminense, nos quais sua música buliçosa soava lado a lado com a de seu grande ídolo, Frédéric Chopin.

Chiquinha Gonzaga, por sua vez, veio de uma família de militares. Desde criança, ela foi preparada para ser uma boa esposa, estudando piano com maestros de renome e sendo devidamente letrada e catequizada. Ela tinha apenas doze anos quando seu pai lhe arranhou um casamento vantajoso, com um herdeiro de vastas propriedades na Ilha do Governador. O casamento, porém, durou pouco. O fato é que Chiquinha insistia em seguir se dedicando à música, em detrimento daquilo que, para os padrões patriarcais vigentes, seriam seus deveres de dona de casa.

Ao romper com o marido em nome do piano, Chiquinha rompeu também com suas origens burguesas. A família reagiu à separação com brutalidade, excluindo-a por completo de seu convívio e proibindo-a de ter contato com os próprios filhos. Assim, a música conduziu a compositora da alta sociedade às rodas da boêmia carioca. Desde então, Chiquinha passou a ganhar a vida sozinha, tocando na noite e vendendo as partituras de peças como o maxixe *Gaúcho (Corta-Jaca)* e a polca *Cintilante*.



Juntos, Nazareth e Gonzaga deram o tom da *Belle Époque* carioca. Mais do que isso, fundaram uma tradição de piano brasileiro que se estendeu pelo século XX por meio de figuras como Tia Amélia e Carolina Cardoso de Menezes. Nesse período, a linguagem do choro foi transformada pelo diálogo com outras tradições — como o frevo, representado aqui por Antônio Sapateiro e Maestro Nunes. Pixinguinha desempenhou um papel fundamental nessa ampliação dos horizontes do gênero, tendo papel importante no registro de frevos em arranjos instrumentais, com o conjunto Diabos do Céu. Anteriormente, com os Oito Batutas, Pixinguinha já havia mostrado que nossa música popular pode assimilar até mesmo a influência do jazz sem perder sua identidade. Considerando que o choro se origina na africanização e abasileirada das danças de salão europeias, podemos dizer que sua abertura a diferentes ritmos e estilos não diluiu as raízes do choro, e sim as atualizou.

À frente dos Os Batutas, Pixinguinha (à flauta) participa de um dos conjuntos decisivos para a consolidação da música popular urbana no Brasil das primeiras décadas do século XX. Entre choros, maxixes e sambas, o grupo contribuiu para fixar uma linguagem instrumental própria e, em 1922, levou esse repertório a Paris — episódio emblemático de circulação e transformação dessa música.



Hercules Gomes é um dos maiores representantes, nos nossos dias, da linhagem de compositores-pianistas inaugurada por Nazareth e Chiquinha Gonzaga. O músico começou sua formação de maneira informal e autodidata, escutando os clássicos do choro em discos e frequentando as rodas de samba de sua cidade natal, Vitória. Após seu ingresso no curso de música da UNICAMP, Gomes absorveu a linguagem pianística e as técnicas composicionais associadas à tradição de concerto, enquanto seu conhecimento da música popular brasileira seguiu se alimentando de sua experiência prática. No *Ciclo pé de serra*, por exemplo, ele transfere para o piano aquilo que aprendeu tocando sanfona em bailes durante seus dias de estudante universitário. Composta por ocasião de um recital apresentado em Bremen, na Alemanha, a obra transita entre ritmos como o baião, o arrasta-pé, o forró e o xote.

Paulo Sampaio

Doutorando em música e mestre em filosofia pela Universidade de São Paulo. Em 2024, se formou no curso livre de Redação e Crítica Musical da Academia de Música da Osesp.



Hercules Gomes
piano

Considerado um dos mais representativos pianistas brasileiros da atualidade, Hercules Gomes tem forte influência de ritmos nacionais, do jazz e da música erudita. Natural de Vitória (ES) e radicado em São Paulo, é bacharel em música pela Unicamp. Foi solista de orquestras como Sinfônica de Jerusalém, Filarmônica de Montevideu, Osusp e Orquestra Jovem Tom Jobim, além de ter se apresentado em países como Argentina, Cuba e EUA. Gravou o *Concerto Carioca n.º 2*, de Radamés Gnattali, em disco da Orquestra Sinfônica de Campinas, e lançou quatro álbuns: “Pianismo” [2013], “No tempo da Chiquinha” [2018], “Tia Amélia para Sempre” [2020] e “Sarau Tupinambá” [2022]. Homenageado em 2020 por seu trabalho em cultura no Prêmio Cidadão São Paulo, Gomes já se apresentou em alguns dos mais importantes festivais de música, o Savassi Festival em Belo Horizonte, o Festival de Inverno de Campos do Jordão, o Festival Internacional Jazz Plaza em Havana, o Festival Piano, Piano no Centro Cultural Kirchner em Buenos Aires e o Brazilian Music Institute em Miami. Vencedor do 11º Prêmio Nabor Pires de Camargo – Instrumentista, em 2013 recebeu a Outorga do Colar do Centenário pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e em 2014 foi vencedor do 1º Prêmio MIMO Instrumental.

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Tarcísio de Freitas

Vice-governador

Felício Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Henrique Assis

Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete

Vicenzo Carone

Diretora de Difusão, Formação e Leitura

Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas

Liana Crocco

Chefe de Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente **presidente**

Stefano Bridelli **vice-presidente**

Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes

Luiz Lara

Marcelo Kayath

Mario Engler Pinto Junior

Mônica Waldvogel

Ney Vasconcelos

Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação

Fernando Henrique Cardoso **presidente**

Celso Lafer

Fábio Colletti Barbosa

Horacio Lafer Piva

Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO

Marcelo Lopes

Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo

Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas

Flavia Adrião

Diretora de Comunicação e Marketing

Mariana Stanisci

Conheça toda a equipe em:

**[fundacao-osesp.art.br/
fosesp/pt/sobre](http://fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre)**

Próximos concertos

16, 17 E 18 DE ABRIL DE 2026

A atmosfera de Ligeti e a apoteose de Beethoven

Com obras de Ligeti, Nathalie Joachim e Beethoven, a Osesp, regida por Elena Schwarz, mergulha na música contemporânea, dialoga com sonoridades da diáspora africana e encerra emergindo com um clássico: a Sétima sinfonia de Beethoven.

26 DE ABRIL DE 2026

Câmara: Clara, Robert e Johannes

O concerto de câmara revisita a relação entre Brahms e o casal Schumann, marcada por admiração, tragédia e um amor não realizado por Clara – uma das histórias mais emblemáticas do romantismo musical.



Agenda completa
e ingressos

Primeira vez na Estação Motiva Cultural? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

O silêncio permite a escuta até das pequenas nuances da música de concerto: desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe comentários para o intervalo entre as obras ou para o final. Por favor, não filme ou fotografe durante a performance: a singularidade de cada concerto é uma das belezas das apresentações.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

Acesso à Estação Motiva Cultural

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento. O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.

No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.

Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da CPTM.



Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja

Uirapuru – Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo


Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP


Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com edições dedicadas a cada programa de concerto.


Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**
Miguel Levi Molina **assistente editorial**
Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**
Bernardo Cintra **designer**
Silas Oliveira **designer**

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

Imagens

P. 3 Um baile “assustado” de Carnaval em 1922.

Sentados, os músicos do samba. Em pé, atrás, da esq. Claudio Manuel da Costa, Di Cavalcanti, Kalixto, Marquês Pinheiro, Luís Peixoto, Raul (sentado entre duas “deusas”), José, Amaro, uma “deusa” e Hélios Seelinger. ©Fundação Biblioteca Nacional

P. 7 Fotografia do Largo de São Francisco de Paula, Escola Politécnica e, ao fundo, o prédio do Real Gabinete Português de Leitura, por Marc Ferrez.

Domínio público / Acervo do Instituto Moreira Salles

P. 8 Negros carregando um piano na cabeça. [S.l.: s.n.], [entre 1900 e 193-]. ©Fundação Biblioteca Nacional

P. 9 Chiquinha Gonzaga, em 1894. Domínio público

P. 10 Os oito batutas. [S.l.: s.n.], 1919. ©Fundação Biblioteca Nacional

P. 12 Hercules Gomes. ©Lucas Mercadante



O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.



Lei Rouanet



Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo



**Estação
Motiva
Cultural**

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



**SÃO
PAULO**
GOVERNO
DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO